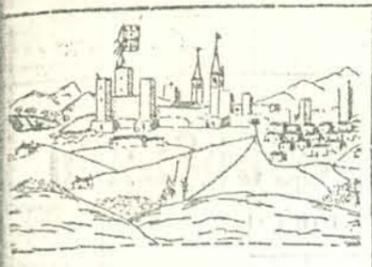


# Correio de Nisa

SEMANÁRIO DE INFORMAÇÃO E CULTURA  
Director - ABEL MONTEIRO



Propriedade da Direcção / Editor: João da Cruz Ricse / Imprensa: Tipografia Castelvidense, Castelo de Vide / Redacção e Administração: Largo do Comércio, 11, Alameda José de Almeida NISA

## VOGANDO...

**N**UMA escala de similitude com os metais, a palavra é de prata, o silêncio de ouro, a verdade de ferro. E, quanto à subtilidade filosófica desta classificação, não parece haver fácil contradita, porque a dureza e preciosidade da matéria estão equilibradamente em relação com o valor específico, significativo e lógico do popularíssimo ditério.

Há verdades duras, impiedosas, que dominam e vencem.

Há palavras de feição artística que imortalizam radores e enternecem auditórios.

E há silêncios dourados que matam; ou são harmonia suavíssima de música que só a escuta o coraminal.

Pelas arcarias morenas de velhos mosteiros, o religioso, em extase, só a ele confia e a Deus os anseios cruciantes da alma; e, assim, tantas vezes absorto, tope dá ao meditar de místicas devoções — «quando, por miracle, l'homme se promene aux plages desertes e soi même».

Claustros de silêncio, retiros onde só paira o esvaziamento, numa libertação terrena, ambientes propícios para falar com Deus, ogivas sublimes de priscas cate-ras, mística continua de sucessivas gerações!

Aí, o silêncio é permanente evocador do passado; em nós acorda, com nervosos revigoramentos de seio, a vida que não se suspeita, mas que em nós existe e nos dá vida.

Modernamente, é quasi impossível encontrar na terra um lugar privilegiado para a meditação, que ao esvaziamento forneça conforto, na batalha de cada momento.

O fragor dos campos de luta, a maquinaria infernal da guerra, o rodar dos veículos, dessa quasi sobrenatural aviação, o som medonho e plutónico do mineiro que arranca ao ventre do globo as calorias indispensáveis para a digestão humana; tudo, desde as profundezas abissais às infinitas alturas, desde as entranhas da Terra, ao cenário tão mutável da existência viva, rigorosamente tudo se sobrepõe ao silêncio. Mas, reascendendo em filosófica magia, ainda ele se traduzirá, na sua riqueza dourada, pela verdade de ferro.

Apenas a palavra; a palavra refulgente como um lago onde namora a lua, em noites sísmicas do dia 11 de Agosto, apenas ela se perdeu na luta e foi absorvida pelo narcisismo do seu próprio fulgor argentino.

E só a dureza da verdade ficará eternamente traduzida nos solêncios de ouro.

Abel Monteiro

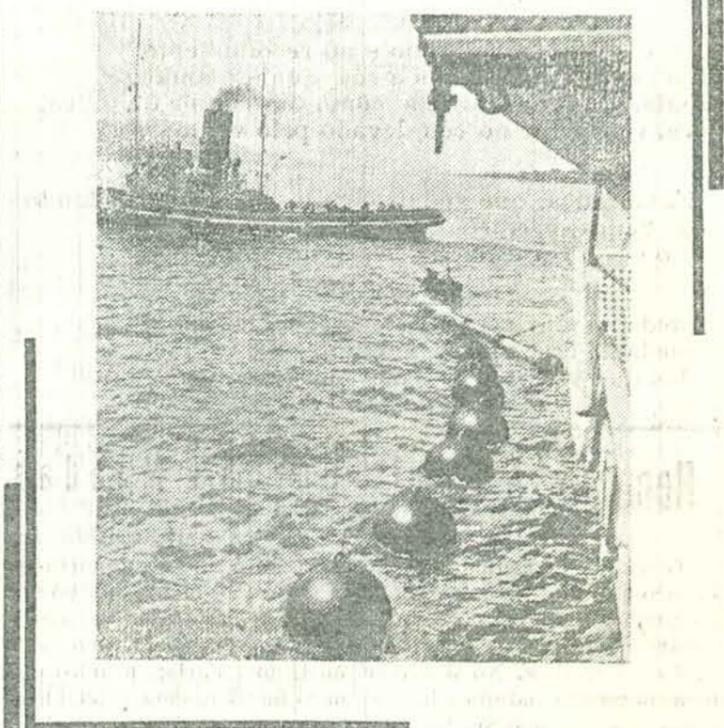
### Walter Ornelas Pedreira

Vitimado por cruel sofrimento, faleceu em Lisboa, no dia 8 do mês decorrente, o Sr. Werber Ornelas Pedreira, primeiro contador do Tribunal de Contas.

Por tão infausto acontecimento, o «Correio de Nisa» apresenta à família em luto a expressão do mais sincero e profundo pesar, particularizando o Ex.º Sr. Doutor Ornelas Pedreira, Meritíssimo Juiz de Direito da Comarca de Cuba, a quem nos ligam os mais apertados laços de muita amizade e apreço, pelas suas qualidades pessoais e pela sua cultura.

### Nascimento

O lar do nosso muito presado amigo e ilustre clínico, Dr. Carlos Gouveia Telo Gonçalves foi enriquecido com o nascimento de um filho. Os nossos sinceros parabéns, aos Ex.ºs Esposos, e que ele encontre, pela vida fora todas as venturas que para nós ambicionamos.



Um aspecto das defesas de Scapa Flow, nas ilhas Orkney uma das mais poderosas bases navais da Grã-Bretanha.

## E Lázaro ressuscitou

POR J. P. Niguéns Ferrão

Corria o Jordão; e o Nazareno prégava nas suas margens o Evangelho, rodeado de crentes e curiosos, quando duas mulheres espavoridas chegaram até Ele. Beijaram-LHE os pés; e huandaram de lágrimas quentes as suas mãos de misericórdia.

Corria o Jordão; e o Nazareno prégava nas suas margens o Evangelho, rodeado de crentes e curiosos, quando duas mulheres espavoridas chegaram até Ele. Beijaram-LHE os pés; e huandaram de lágrimas quentes as suas mãos de misericórdia.

Corria o Jordão; e o Nazareno prégava nas suas margens o Evangelho, rodeado de crentes e curiosos, quando duas mulheres espavoridas chegaram até Ele. Beijaram-LHE os pés; e huandaram de lágrimas quentes as suas mãos de misericórdia.

Corria o Jordão; e o Nazareno prégava nas suas margens o Evangelho, rodeado de crentes e curiosos, quando duas mulheres espavoridas chegaram até Ele. Beijaram-LHE os pés; e huandaram de lágrimas quentes as suas mãos de misericórdia.

Corria o Jordão; e o Nazareno prégava nas suas margens o Evangelho, rodeado de crentes e curiosos, quando duas mulheres espavoridas chegaram até Ele. Beijaram-LHE os pés; e huandaram de lágrimas quentes as suas mãos de misericórdia.

Corria o Jordão; e o Nazareno prégava nas suas margens o Evangelho, rodeado de crentes e curiosos, quando duas mulheres espavoridas chegaram até Ele. Beijaram-LHE os pés; e huandaram de lágrimas quentes as suas mãos de misericórdia.

## Padre Manuel Carolo

Não há como os ares pátrios para nos proporcionarem, além do revigoração somático, o mais salutar optimismo.

É certamente por isso que o nosso conterrâneo, P.º Manuel Carolo, quando, após prolongada e debilitante doença, precisou de retemperar as energias orgánicas e desanuviar o espírito de mórbidas preocupações, se acolheu à terra-mãe a pedir-lhe revitalidade e tranquillo repouso.

E não mais deixou de, anualmente, quando tantos outros — e ele mesmo antes da doença que lhe ameaçou a existência — procuram o refrigerio das praias, não mais, diziamos, deixou de passar algumas semanas neste abençoado rincão que se orgulha de contá-lo entre os seus filhos mais prestigiosos e prestimosos. Foi assim que, durante parte dos meses de agosto e setembro, pudemos ter mais uma vez o prazer do seu amistoso convívio.

A todos os actos de culto em que, nos templos locais, se dignou tomar parte durante a anual vilegiatura, acorreu numerosa e interessada assistência, atraída pela fluência e brilho do seu verbo alliciente.

É sempre assim. E sempre, a par do vigor apologético, o nosso ilustre patricio deixa transparecer, no púlpito e em toda a parte, o muito amor a Nisa e sobretudo a carinhosa predilecção pelos lugares santificados pela presença de Nossa Senhora da Graça, que amuadadamente visita.

É sempre assim. E sempre, a par do vigor apologético, o nosso ilustre patricio deixa transparecer, no púlpito e em toda a parte, o muito amor a Nisa e sobretudo a carinhosa predilecção pelos lugares santificados pela presença de Nossa Senhora da Graça, que amuadadamente visita.

ricórdia, que tantas bênçãos já haviam prodigalizado, em milagres admiráveis.

Eram Marta e Maria, irmãs de Lázaro, que tinha falecido havia dias, vitimado pela lepra, durante anos a morder-lhe o corpo, e o transformara numa chaga viva, repelente, inspiradora de compaixão, até para os corações mais crús.

Vinham chorar, num desespero incontido, junto ao Mestre; vinham trazer-LHE a noticia dolorosa da morte do irmão querido que, apesar de doente, sofrendo as dores mais horrosas da moléstia incurável, era o arrimo da sua vida, amigo leal de todas as horas, consolo seguro das suas mágoas.

Lázaro era um infeliz!

Vivia perto de Jerusalem, onde os bem formados de espírito lhe davam esmolas, apiedados da sorte má que o perseguia.

Os farizeus detestavam-lhe a horrenda figura de feições disformes; o corpo coberto de farrapos colados à pele pelo tiquido esverdeado que escoria das chagas abertas, oferecia um aspecto, a um tempo, comovedor e abjecto, de uma ferida ambulante, e que as moscas, ávidas, picavam impiedosamente, causando ao pobre leproso dores quasi insuportáveis.

Era realmente nojentof

No entanto, menos digno de asco, que de compaixão. A Humanidade atende mais ao sentimento da repulsa, que à voz do coração.

(Conclui na página 2)

(Conclui na página 2)

### Cazetilha

Há muita gente que diz — e falando com razão — ter passado a ocasião, o momento bem feliz de julgar, de ser juiz, no cinema cá da Terra dessa tal fita que encerra o régio amor português. Por isso, mais uma vez, toda a gente grita e berra.

SUMATRA DE LEMÓS

### «CORREIO DE NISA»

É possível que o primeiro número de Outubro do nosso jornal se publique no dia 10 e não no dia 7, se por ventura surgirem frutuozas determinações diligências que já iniciamos. «Sub conditione», aqui fica o aviso.

ESTE NÚMERO DO «CORREIO DE NISA» FOI VISADO PELO CENSOR DO DISTRITO.

## ALVITRE

Dum dos nossos colaboradores recebemos o «alvitre» que a seguir publicamos, deixando o caso ao critério de quem deva e possa dar-lhe solução.

«Discutiram e entenderam as as pessoas competentes que o intervalo nos cinemas não devia nunca cortar os filmes de fundo e pela simples razão que não se deve interromper a acção central do entrecho.

A razão é pois lógica, e nota-se dificuldade em reatar o prosseguimento da fita, quando a atenção do público esteve interrompida quinze minutos.

Vem isto a propósito do que se passa no cinema da nossa Terra, onde alguém teima em não cumprir o programa previamente anunciado.

Porque não projectar os documentários todos, fazer o intervalo e exhibir depois a fita de

fundo? E quando porventura houver mais outro filme, aconselhamos que o intervalo se faça entre os dois.

E' que não se justifica a pretensão errada e sem benefícios de querer dividir o espectáculo exactamente ao meio.

Ainda se a Empresa visse nisso alguma facilidade, poderíamos aceitá-la, mas assim parece-nos que não custa nada ir para o lado mais prático. Ou custa?

### Em Alpalhão

Por despacho de Sua Ex.ª o Senhor Ministro do Interior, foi criado um posto da G.N.R. em Alpalhão.

Aguarda-se agora a construção das respectivas instalações, cuja planta já foi aprovada pelo Comando Geral.

# ANTOLOGIA

## VIRGENS MORTAS

Por OLAVO BILAC

Quando uma virgem morre, uma estrela aparece, nova, no velho engaste azul do firmamento; E a alma da que morreu, de momento em momento, na luz da que nasceu palpita e resplandece.

O' vós, que, no silêncio e no recolhimento do campo, conversais a sós, quando anoitece, cuidado! — o que dizeis como um rumor de prece, vai sussurrar no céu, levado pelo vento...

Namorados, que andais com a boca transbordando de beijos, perturbando o campo sossegado e o casto coração das flores inflamando,

piedade! elas vêm tudo entre as moitas escuras... piedade! esse pudor ofende o olhar gelado das que viveram sós, das que morreram puras!

## Recordar é viver! Póvoa e Meadas

Tendo a Conselheiro João Franco assumido a presidência do governo em 1907, foram substituídas as autoridades em vários concelhos. No de Nisa fôra nomeado administrador, como já se disse, o Sr. José Júlio de Oliveira, amigo pessoal do presidente do ministério.

A Câmara, ao tempo presidida pelo venerando nisenense, o Sr. Visconde do Vale da Sobreira, foi também substituída pela seguinte Comissão Administrativa:

Efectivos: P.<sup>o</sup> Joaquim da Cruz Paralta, José da Cruz Frade, Leandro Pinto Frausto, Matias de Andrade Sequeira, e Joaquim Maria da Piedade.

Substitutos: P.<sup>o</sup> José Pedro Mata, António Dinis Figueiredo, José António de Faria Pimentel, João de Andrade Sequeira e José Maria Dinis Porto.

Anova comissão administrativa tomou posse em 2 de Janeiro de 1908.

—Em sessão de 7 do mesmo mês, o vereador José da Cruz Frade propôs que fôsssem removidas para o novo cemitério as ossadas do antigo e que este fôsse destinado ao alargamento do Rossio para nele se fazer o mercado de madeiras.

—Em 14, o Presidente da Comissão Municipal propôs e foi aprovado que se desse o nome do Professor P.<sup>o</sup> José Ribeirinho à Rua da Devesa, por nela ter residido e exercido, durante muitos anos, o magistério primário aquêle grande benemérito da instrução.

### Quem Canta...

Costumei tanto os meus olhos a procurarem os teus, que, de tanto os ter olhado, já não sei quais são os meus.

Eu bem sei que sabes, sabes, eu bem sei que sabes bem, eu bem sei que sabes dar o valor a quem o tem.

### Velhos Dizeres

Fatura de lobo três dias dura.

Do mal—guardado come o gato.

### CASAMENTOS

Realizaram-se na quarta-feira sob a presidência do pároco local os seguintes casamentos: António da Conceição Arez com Maria José Faria; António Francisco Baptista com Maria Emília Pena; e José António Rôlo com Maria da Conceição Louro. A todos desejamos as maiores bênçãos de Deus.

**FESTEJOS**  
Com grande brilho fizeram-se as habituais festas populares. Houve no sábado alvorada, tourada às 16 horas e à noite arraial repetindo-se no domingo o mesmo programa. Está de parabéns a respectiva Comissão presidida pelo Sr. Prof. Daniel Fidalgo pela maneira interessante como tais festejos decorreram.

**CHEGADAS**  
Inúmeras pessoas têm chegado de Lisboa e outros pontos do País de visita a suas famílias, entre elas apraz-nos registar os srs.: Eng. José Custódio Nunes, II.<sup>mo</sup> Director da H. A. A. T., Drs. José Martins e Virgílio Nunes, com respectivas famílias, 1.<sup>o</sup> Sargento Manuel Marques e família. A todos óptimas férias.

**FESTA A N.<sup>o</sup> S.<sup>o</sup> DE FÁTIMA**  
Realiza-se no próximo Domingo uma festa a N.<sup>o</sup> S.<sup>o</sup> de Fátima. Será benzida uma nova Imagem, gentilmente oferecida pelo sr. José António Lourenço ilustre filho desta terra.

**REUNIÃO DO CLERO**  
No dia 11 reuniu-se nesta freguesia a-fim-de realizar a sua habitual sessão de estudo o Rev. Clero deste Asciprostando constituído pelos Srs. P.<sup>os</sup> Manuel d'Ascensão Dias, Arcipreste de Castelo de Vide, P.<sup>o</sup> António José da Mata, pároco de S. Julião, Francisco Lopes Valente, pároco do concelho de Marvão, Frederico Martins dos Reis, pároco desta freguesia e João Miranda da Silva, capelão da Portagem. Após a sessão de estudo que se realizou na Sacristia da Igreja Matriz, dirigiram-se todos em passeio à Barragem onde almoçaram. Acompanhava-os o Rev. Joaquim Reis da Escusa, que em breve vai celebrar a sua primeira missa.

### Casamento

No passado dia 9 do corrente realizou-se em Lisboa o casamento do Sr. Carlos Carita Louro Bento, distinto aluno do 4.<sup>o</sup> ano da Faculdade de Letras, filho do Sr. Júlio Pires Bento, digno tesoureiro da Fazenda Pública nesta sã, e de sua esposa D. Isabel da Cruz Bento; com a Sra. Doutora D. Maria Eunice Vaz de Oliveira e Sousa, filha do Sr. Professor Mário de Oliveira e Sousa, e de sua esposa Sra. D. Maria Augusta Vaz de Oliveira e Sousa. Foram padrinhos por parte do noivo o Sr. Alferes Reformado José dos Santos Marques Macedo (Galliano) e o Sr. Fortunato Paralta e por parte da noiva seus avós maternos Sr. Manuel Luiz Vaz e sua esposa D. Maria Isabel Saraiva Vaz.

Em casa dos pais da noiva, foi servido um magnifico copo de água.

Assistiram a este acto, entre outros, os seguintes convidados: Dr. Carlos Bento Pestana, José Louro e Filhos, José Diniz Cebola, e esposa, D. Catarina Louro Paralta, João Baptista Rosa, Francisco Granchinho, José Nunes, Augusto Guimarães e esposa, Nival e Manuel Vaz, Madame Batalha, Dr. Carlos de Melo e esposa, António Pinho e Horácio Catarino.

O «Correio de Nisa» felicita os noivos e suas Exm.<sup>as</sup> Famílias, fazendo votos sinceros de que sempre gosem das maiores venturas.

### Padre Manuel Carolo

#### CONCLUSÃO

E assim se explica que, se muito o admiramos como indefectível soldado de Cristo, não menos o prezemos como integro baírrista, em tôdas as emergências ardoroso defensor de quanto possa contribuir para exaltação e lustre da nossa terra.

O zeloso pároco de Estremoz regressou há dias àquela linda cidade alentejana que há vinte e cinco anos pastoreia.

Ao botá-fora compareceram muitos amigos e todos lhe manifestaram o desejo de que, se não puder ser antes, não deixe de dar-nos o prazer de efusivamente o abraçarmos no próximo verão.

## E Lázaro ressuscitou

### (Conclusão)

Por isso, repudiava o miserável mendigo, atirando-lhe pedras, à sua passagem, quando, nas manhãs saía a implorar da turba uma esmola qualquer para alimento das irmãs e daquela triste miséria humana que se arrastava pelas ruas.

E Cristo ouviu as duas mulheres.

Seguiu com elas até ao túmulo de Lázaro, onde uma nuvem de corvos, com os bicos aduncos e as garras afiadas, procurava cavar a terra para se cevarem nos restos mortais do infeliz.

Afastada a pedra da sepultura, o Nazareno estendeu as divinas mãos, e disse com toda a doçura e humildade nas suas palavras: — Lázaro, levanta-te e caminha!

E Lázaro ressuscitou!

Diante de Marta e Maria e dos que assistiam maravilhados, Lázaro abriu os olhos, ergueu-se de vagar e, de pé na borda do túmulo, fixou estrelecido o rosto do Salvador que se abria num sorriso de infinita ternura. Depois, dobrando o joelho, caiu por terra, beijando, com profundo reconhecimento, os pés de Jesus.

Estava vivo!

As chagas repelentes haviam desaparecido; ele apresentava-se são e robusto, como o tinha sido, antes de ser acometido pelo mal que o vitimara.

Os seus olhos abertos podiam contemplar, de novo, a luz do sol!

O cantar das aves tinha agora, para ele mais harmonia, e o regato, além, fazia ouvir, num doce murmúrio de alegria, uma nota de música, um enlelado encantamento, que eram uma grande ventura, para aquele que vivera largos anos, entre a piedade de alguns e a repulsa de muitos.

Lázaro sentiu-se feliz.

Os seus olhos verteram lágrimas de alegria, e a sua boca não parou, como o coração também, de se elevar ao Céu agradecendo a graça que lhe era concedida.

Mas a felicidade de Lázaro

bem pouco durou.

Depressa se fartou do mundo. Viu tanta maldade, tanta hipocrisia, tanta devassidão que procurava Cristo para pedir que o afastasse, de modo para longe dos homens.

Na morte, na escuridão do túmulo, o contacto dos vermes era menos asqueroso que a aproximação da Humanidade.

A vida só continha hipocrisia e, em cada coração, lado por falsa bondade, existiam vivos, palpantes, o egoísmo, a inveja, o ódio, todos sentimentos máis que em vão gonham o homem.

As suas lamúrias, os seus rogos e súplicas, foram, por fim, inúteis.

E ele, na sua ressurreição, foi talvez mais infeliz, que toda a sua passada vida de plúcio.

A lepra do Mundo era uma horrenda do que aquela lhe deformara o corpo.

Lázaro, no entanto, não encontrou Jesus.

Nunca mais o Cristo apareceu...

## O BRASIL Nação Independente

O Brasil comemorou o aniversário da sua independência; proclamada em 7 de Setembro de 1812, pelo então Príncipe Regente D. Pedro, que de daquelle acto se tornou o primeiro imperador brasileiro com o nome de D. Pedro I.

A data de 7 de Setembro vem ser considerada um dia de festa para Portugal, e o é para o Brasil, pois a independência da antiga colónia ou antes a sua «maioridade» na expressão de grande Bonifácio — não seria possível sem fecunda, sem o génio esforço dos portugueses.

Com effeito, foi a resolução de D. João VI, partindo para o Brasil com a Rainha — Maria II, toda a corte a-fim-de salvar a coroa portuguesa, o maior do allicerce para a fundação da independência da colónia, se transformara em sede do Império. Esse gesto teve grande significado político.

Para a independência do Brasil trabalharam notavelmente portugueses, como José Pereira, e brasileiros, como José Bonifácio de Andrada e Silva, que foi em Portugal, também, soldado, professor e cientista, consubstanciando na sua personalidade as melhores virtudes da raça. Por isso o dia 7 de Setembro, também, um dia português.

### Errata

Na 4.<sup>a</sup> página do número anterior, no artigo «Sessão do Conselho Municipal de Nisa» na 3.<sup>a</sup> coluna, linha 53.<sup>a</sup>, onde se lê «...devido arrolamento, leia-se «indevido arrolamento...».

## ROMANCE...

*Minha alma é um romance peregrino,  
Que despontou nas brumas do meu peito  
Ganhou, num vago anelo, a forma e o geito,  
Quando eu uni o meu ao teu destino...*

*E hoje em turbilhão, sem norte e fimo,  
Canta e pranteia um coração desfeito...  
Sonha, chora, sorri, num vão tregeito,  
Sublimando mil bens, em desatino!*

*Romance... poesia... amor profundo...  
Sois a imagem dum pequeno mundo,  
A que eu me sinto eternamente prêsso!*

*E tu, destino amigo, unido ao meu,  
F's a luz, que me cega e me prendeu,  
E's o meu fogo eternamente acêso!*

# Tipos populares de Nisa Cónego Manuel Carôlo

## João Gregório



Vou tentar descrever alguns tipos populares de Nisa, de há uns 40 a 50 anos, que mais me impressionam e por isso recorro com maior fidelidade.

O primeiro — João Gregório, era um bebado crónico. Poderia umas vezes estar embriagado, mas parecia-o sempre, pelos seus gestos, andar cabaleante e o paizinho berrante.

Quando o conheci era já velho. Sei que tinha estado como estudante no seminário de Portalegre, e demorando lá muito tempo.

Aqui em Nisa, vivia talvez de alguns rendimentos pois nunca lhe conheci qualquer modo de vida. Nas tabernas, pelas oficinas dos artistas, nas promissuras da Praça do Município, na qual tinha a sua graduação, ali fazia o seu tempo de manobras. Lá ia de chapéu grosseiro de um pouco larga e baicop, no inverno um lho capote sobre os ombros, o colete desabotoado, camisa entreaberta mostrando o peito nu. Curvava para a frente, a beicorpendente, a barba intononde metia os fósforos para acender os cigarros, regatava os olhos quando olhava alguém e movia a dentuça cavalara, que assustava algum garoto que encontrava e com o bérro, fazia-o fugir grido pela mãe. Por isso, mães quando os filhos pequenos tinham birras ou iam maltradas ameaçavam-nos de irem chamar o João Gregório. Era o terror dos miudos.

Algumas vezes o vi com a mão na cabeça e um bolso, que diziam ser cheio de latim, talvez algum dos livros de estudo no seminário de Portalegre. Fazia várias habilidades quando encontrava público: enfiar por uma das suas narinas uma linha e depois fazia sair pela outra ou pela boca e pulso alternadamente por uma das estremidades da linha um momento de vaivem e outras vezes escondia, nas dobras e profundas ventos, um prego de mais de um metro de comprimento. Tentava às vezes trazer ou dois gatos entre a axilla e o peito nu, gatos pequenos, já se vê, mas que fazia arranhar quando tirava para o meio dos instantes.

Recordo muito bem o seguinte episódio na vida do João Gregório.

Na Câmara Municipal de Nisa celebrava qualque acontecimento pas-

Entre os filhos desta terra e que mais a honram, afirma-se, como figura de acentuado relevo, o Reverendo Manuel da Cruz Carôlo.

Acaba de lhe ser conferida uma alta dignidade eclesiástica que representa o reconhecimento, por parte da Hierarquia Católica, dos seus merecimentos, vida exemplar e bons serviços prestados á causa da Igreja.

Efectivamente, o Reverendo Manuel Carôlo foi agraciado com a dignidade de Cónego Honorário da Sé de Evora, por provisão de S. Ex.ª Rev.ª o Senhor Arcebispo de Evora, datada de 29 de Setembro último, —provisão que é do teor seguinte:

—Fazemos saber que, atendendo aos merecimen-

tos, exemplares costumes e bons serviços do Reverendo Presbítero Manuel da Cruz Carôlo, Pároco da freguesia de Santo André, de Estremoz, e Vigário da Vara do distrito eclesiástico também de Estremoz, desta Nossa Arquidiocese de Evora, recordando nomeadamente o zelo, dedicação e fidelidade com que durante vinte e cinco anos naquela freguesia exerceu o seu ministério, e querendo associar-Nos ao jubilo com que os seus devotados paroquianos celebraram as bodas de prata da sua operosa pastoreação;

Havemos por bem, em atenção aos predicados que concorrem na pessoa do mesmo Reverendo Presbítero, nomeá-lo Cónego Honorário da Nossa Basilica Metropolitana de Evora, com todos os direitos e obrigações, honras e prerogativas que legitimamente competem ao sobredito cargo.

A elevação do Reverendo Manuel Carôlo ás honras do Canonicato, era de há muito esperada em toda a Arquidiocese de Evora pelos que melhor o conhecem. Representa, pois, mais do que uma graça, — um acto de verdadeira justiça que tem a plena sanção dos católicos daquela Arquidiocese.

A esbatida púrpura das vestes próprias dos Cónegos da Basilica Metropolitana de Evora cai bem nesta figura intrépida de eclesiástico que é o Cónego Ma-



nal ou data memorável.

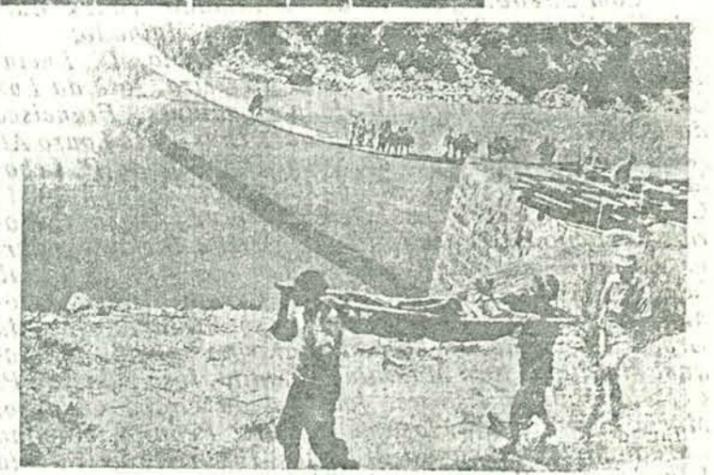
A Praça do Município regorgitava de gente que, voltada para os Paços do Concelho ouvia atentamente o presidente da Câmara, então o Sr. Barão do Machial que discursava dum janela do edificio. No final do discurso, o presidente empunhando o estandarte do Município que destraldou, soltou vivas a suas magestades, como era da praxe. Em seguida recolheu-se da janela e a multidão preparava-se para retirar por julgar ter terminado a festa, mas a uma janela da sua casa, perto da Igreja da Misericórdia, surge a figura de João Gregório, que com dois berros muito seus peculiares, chama a atenção do povo. Começou em seguida uma arenga com largo gesto, tentando parodiar o presidente da Câmara.

Ao querer terminá-la, e na falta de um estandarte para também destraldar ao vento, toma uma velha coberta de chita que sacode da janela ao tempo que dá os vivas, secundados pela garotada, que em baixo, atirava os chapéus ao ar. O povo gargalhando, debandou então. A solenidade, na Praça tinha terminado por uma farsa.

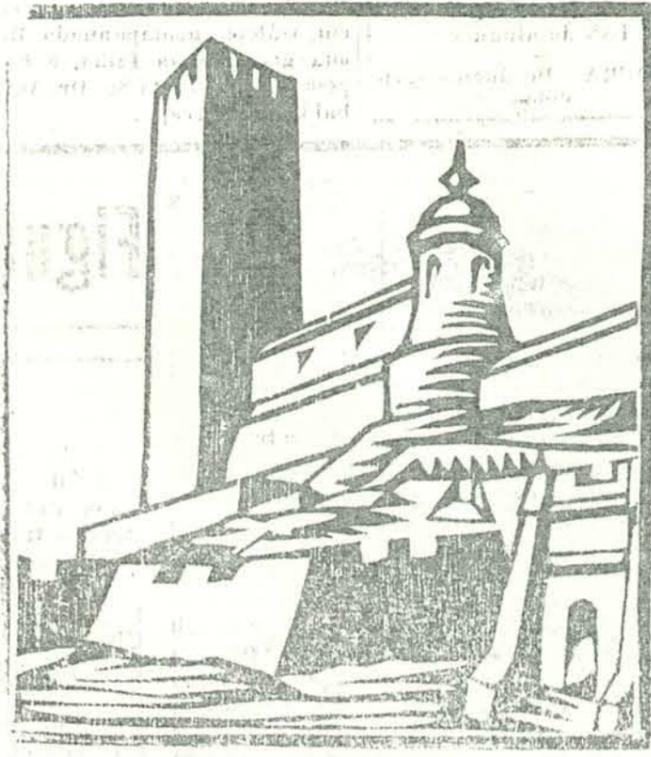
Faleceu em Outubro de 1897 e há pouco tempo ainda, soube que quando foi a enterrar no antigo cemitério desta vila junto ao Rocio e depois de lhe arrasaram a campa, uma sucia de pequenos garotos, lhe saltou em cima espezinhando-a, como represália pelos sustos que ele lhes preparara e pirraças que lhes fizera.

NIZORRO

## Na China



Ponte improvisada pela engenharia das Nações Unidas, durante a luta contra o Japão.



Padrões  
Heróicos  
dum  
PORTUGAL  
ETERNO

Manuel da Cruz Carôlo, o qual, na defesa das doutrinas e verdades da Igreja, já mais recuou e antes, afirmativo e intransigente, com a força das suas robustas convicções morais e intelectuais, soube sempre impôr-se ao respeito dos adversários da Igreja, desfazendo os erros daqueles que estavam na boa fé e profligando a atitude dos que, conscientemente, usam do sofisma como processo de dialéctica.

Em Nisa não haverá ninguém, com o culto da justiça e habituado a olhar ao alto, que não se congratule com a elevada honra ora conferida ao distinto filho desta terra e que nela se reflecte.

E, assim, de manifesta oportunidade traçar nas colunas deste jornal o perfil biográfico do ilustre nisenense, para que os seus conterrâneos melhor avaliem de quanto é justa a distinção que acaba de ser-lhe conferida. A falta de espaço não-lo permite fazer hoje. Fa-lo-emos no próximo número.

Gravura em madeira pelo Exm.º Sr. Dr. Adolfo Bugalho.

## «PENSÃO PENINSULAR»

Vem a Nisa, por alguns dias? Passa por Nisa? Procure o prédio que fica situado na rectaguarda do novo Edifício dos Correios.—Entra a custo N.º 100 (lado sul), onze quartos.—Ótima cozinha.